



Militante

BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO P.C.P.

POPULARIZEMOS O PROJECTO DE PROGRAMA, ORGANIZANDO A SUA DISCUSSÃO

[por AMILCAR

A VI.ª Reunião Ampliada do Comité Central, ao colocar a todos os comunistas a tarefa de se popularizar entre as massas o Projecto de Programa do Partido, constatou que as organizações do Partido não estavam a realizar um estudo atento e uma discussão larga de tão importante documento no interior do Partido e, consequentemente, entre as massas laboriosas da cidade e do campo e entre a intelectualidade. A VI.ª Reunião Ampliada do Comité Central salientou com justeza que os membros e organizações do Partido não tinham sabido aproveitar para o seu trabalho de mobilização e organização das massas, e em primeiro lugar da classe operária, o rico material que o Partido pusera à sua disposição.

Passados seis meses sobre a realização da VI.ª Reunião Ampliada do Comité Central, verifica-se que pouco se avançou neste terreno, o que tem de considerar-se como uma grave debilidade do nosso trabalho.

O Partido avançou pouco na popularização e na discussão do Projecto de Programa, porque também não conseguimos avançar muito no combate contra os desvios sectários da que padece o trabalho do Partido que, como ficou demonstrado na VI.ª Reunião Ampliada do Comité Central, afastam os comunistas das massas, entravam a luta contra as dificuldades e enfraquecem a vontade do Partido.

É preciso avançar mais no combate contra os erros sectários, virando nos mais e mais para as massas para podermos vencer o atraso sobre a discussão do Projecto de Programa, tanto no interior do Partido como entre as massas.

A organização é fundamental para que possa ter lugar o estudo e a discussão do Projecto de Programa: primeiro entre os comunistas de cada organismo responsável do Partido; depois nas células (particularmente nas células de empresa) e em seguida entre as massas que vivem e trabalham na zona de acção de cada organização do Partido. Organizar reuniões de militantes do Partido especialmente para estudar e discutir o Projecto de Programa e a discussão entre as massas, destacando-se os camaradas indispensáveis para a realização destas tarefas e exercendo-se o indispensável controle pelo seu cumprimento, eis o que nos parece de aconselhar.

Da execução prática destas tarefas resultará uma discussão colectiva, como colectivas serão obrigatoriamente as opiniões e conclusões tiradas. E isto é muito importante para que o Partido adquira um mais alto nível ideológico e político e um melhor conhecimento da situação e dos anseios e necessidades das massas populares; melhor conhecimento que se concretizará na elaboração definitiva de um Programa que expresse melhor as aspirações e interesses do povo português e de Portugal, e que seja susceptível de unir milhões de portugueses na luta pela sua realização prática.

Na organização do estudo e da discussão do Projecto de Programa no interior do Partido, importa ter sempre em conta o nível dos camaradas que participem nas reuniões, para que os pontos do Projecto sejam explicados pelos camaradas mais experientes de forma sim-

ples para que possam ser compreendidos. É importante ler-se também em conta a composição das reuniões: se se trata de camaradas operários industriais parece-nos ser de aconselhar que se aprofundem mais aqueles pontos que respeitam directamente à classe operária industrial. Se, pelo contrário, se trata de operários agrícolas, parece-nos ser de aconselhar que se aprofundem mais aqueles pontos referentes aos problemas do campo e, em particular, à Reforma Agrária. A uns e outros deve explicar-se, de maneira bastante compreensível, a necessidade e a enorme importância que representa a aliança da classe operária com os camponeses pobres para o derrubamento da camarilha salazarista, primeiro, e para a conquista de um regime socialista, onde a exploração do homem pelo homem não tenha lugar, depois. Uns e outros, deverão ficar com uma ideia mais ou menos clara da necessidade de se realizar na prática essa aliança e também as dificuldades que isso comporta, tendo sempre por base a luta pelas reivindicações particulares de cada uma das classes em causa e pelas reivindicações que sejam comuns a todas, como, por exemplo, a luta pela defesa do paz.

Parece-nos ser esta uma parte do caminho a percorrer para que as organizações do Partido e os membros do Partido adquiram as condições para poderem organizar a discussão e popularização do Projecto de Programa entre as largas massas populares.

Essa discussão e popularização deverá ter sempre por base as reivindicações expressas no Projecto referentes a cada classe ou camada da população em particular, mas também as reivindicações comuns a todas as classes e camadas da população, pois só assim o Partido poderá ganhá-las para o Programa e para a unidade de acção (ponto importante do Projecto de Programa) para o derrubamento da camarilha salazarista e pela instauração de um governo democrático de Unidade Nacional.

Na discussão do Projecto de Programa a fomentar, por exemplo, entre os pequenos camponeses, as organizações do Partido das regiões camponesas devem marcar-se de uma grande paciência e serem perseverantes para poderem realizar um trabalho fecundo entre eles.

A grande burguesia capitalista, os grandes agrários e o seu governo — no caso presente, o governo de Salazar — para manterem os seus privilégios e intensificar a exploração das massas camponesas, além das formidáveis forças repressivas de que dispõem, precisam ainda de enganar essas massas, não recusando, para isso, ante a mentira e a calúnia. Servindo-se de formidáveis meios de propaganda e tendo no governo e no alto clero reacção fiéis servidores, os grandes capitalistas e agrários levam aos quatro ventos o espantoso do comunismo, apresentam os comunistas como homens maus e sem escrúpulos, berrando milhares de vezes aos ouvidos dos pequenos e médios camponeses que os comunistas querem destruir a família e que se eles tomassem o poder lhes tirariam os seus pobres bocados de terra.

Não devemos subestimar o efeito de tão vil propaga-

da, porquanto ela tem conseguido resultados importantes para os sugadores do sangue dos trabalhadores; resultados importantes, porque não têm tido a contrabate-la uma boa propaganda (sempre muito difícil nas condições da mais feroz clandestinidade) e particularmente um eficiente trabalho de organização do nosso Partido entre os pequenos e médios camponeses.

Para vencermos as debilidades do trabalho do Partido entre os pequenos e médios camponeses é necessário realizar um grande esforço de carácter organizativo, tanto no aspecto especificamente partidário, como na criação das mais variadas formas de organização, as mais simples e, paralelamente, realizar com grande paciência e perseverança um trabalho de esclarecimento, levando até elas a parte do Projecto de Programa do Partido que a eles se refere em especial, falando-lhes verbalmente e por escrito, de toda a documentação do nosso Partido referente aos problemas da terra. É preciso que eles vejam, por experiência própria, que os comunistas são os melhores e mais consequentes defensores dos seus interesses e que a política do Partido Comunista Português, longe de prever a expropriação dos seus bocados de terra, defende que a esses bocados seja acrescentado um lote de terra que, em conjunto, seja suficiente para que eles e suas famílias tenham uma vida modesta mas farta. Naturalmente que é importante fazer-lhes compreender que, para que a terra portuguesa seja entregue a quem a trabalha, como o nosso Partido defende, é condição indispensável lutar por ela, e que nessa luta eles têm na classe operária, não apenas o seu melhor aliado, mas também o seu guia. Nunca devemos perder de vista que será através do convencimento amigo que o Partido ganhará a massa dos pequenos e médios camponeses e de todos os proprietários que cultivem as suas terras (exceptuando os agrários) para o Programa do Partido e para a luta pela sua realização.

Na discussão já travada foram emitidas algumas opiniões a que importa referir-nos desde já.

Assim, alguns camaradas ou, simplesmente, alguns trabalhadores, expressaram a ideia de que o Projecto de Programa *«é bom e que tomara o povo que aquilo que nele se diz se realize o mais depressa possível»*. Este desejo já é muito importante, mas não é apenas com o desejo que se conse-

que modificar determinada situação, neste caso a situação de miséria em que vive o nosso povo. Só pela luta se conseguirá tal objectivo, portanto, o dever e o papel dos comunistas não é apenas o de constatar os desejos das massas, mas também o de transformar esses desejos em luta pela sua realização, organizando as massas para travarem essa luta sagrada.

Outros expressaram a ideia de que o Partido iria fazer isto e dar aquilo ao povo, quer dizer, tornar realidade imediata aquilo que se diz no Projecto do Programa.

Se é verdade que esta ideia reflecte confiança no Partido, também é verdade que revela incompreensão e atraso político.

No seu Projecto de Programa, o Partido propõe-se lutar, juntamente com todos os democratas e patriotas portugueses, pelo derrubamento da camarilha salazarista e pela constituição dum governo democrático de Unidade Nacional. Paralelamente, propõe uma série de medidas democráticas para tal governo realizar. É compreensível, pois, que o Partido só pode prometer que lutará com todas as suas forças, dentro (se participar nele) e fora de tal governo pela realização prática e imediata de tais medidas democráticas. Após a realização de Eleições Livres, quer dizer, logo que o povo tenha escolhido os homens que deseja ver a dirigir os destinos da Nação e a forma de governo e de regime que deseja ter, o Partido Comunista Português orientará toda a sua acção no sentido de que a vontade do povo, livremente expressa, seja respeitada e os seus desejos realizados. Compreende-se pois que se o Programa do Partido se vier a transformar no Programa da maioria esmagadora do nosso povo, e sobre isso não temos dúvidas nenhuma, o Partido Comunista Português mobilizará todas as suas forças para lutar pela sua realização prática.

Naturalmente que, ao falarmos assim, contamos com a classe operária unida, com todos os trabalhadores, com todos os homens e mulheres progressistas, sem distinção das classes a que pertençam e de meios de fortuna, com a juventude, com todo o povo laborioso de Portugal para, pela luta, imporem a sua vontade e desejos. Os comunistas não pouparão esforços e conselhos para unificarem tal luta, porque ela é a luta pelo bem estar do nosso povo, pelo progresso e independência de Portugal, pela Paz.

SOBRE PROBLEMAS DE ORGANIZAÇÃO

por JOÃO

A VI.ª Reunião Ampliada do Comité Central destacou a importância decisiva da organização para atingir rapidamente os objectivos políticos imediatos da classe operária e do seu Partido no momento presente.

Atacando o sectarismo que penetrou em todos os sectores da nossa actividade política e organizativa, a discussão pôs em relevo as principais deficiências do Partido no terreno da organização, as quais podem resumir-se nas seguintes: falta de vida política e orgânica das células do Partido; ausência de trabalho colectivo de base; estreiteza da organização nas grandes concentrações proletárias; ausência de organização em regiões importantes do país; e, por último, uma excessiva centralização de tarefas nos organismos centrais e fortes limitações na prática da democracia interna do Partido.

A verificação destas deficiências principais colocou perante o Partido algumas tarefas imediatas: descentralizar todo o aparelho de organização através duma maior responsabilização dos organismos de direcção regional, local, de zona, etc., e da constituição de novos organismos intermédios capazes de assegurar a realização da linha do Partido no seu escalão da actividade; levar a organização a todo o País e dirigir o esforço principal para as

grandes concentrações proletárias; promover audaciosamente à direcção das células e das organizações de base os melhores activistas e recrutar para o Partido os trabalhadores mais combativos e ligados à sua classe; enquadrar todos os membros do Partido em organismos colectivos e intensificar os métodos de direcção colectiva, fazendo participar na discussão e na resolução das tarefas todos os camaradas organizados, finalmente, virar resolutamente para as amplas massas a atenção das células do Partido, ligar todo o seu trabalho político à vida diária das massas, aos seus problemas vitais e às suas aspirações mais sentidas e nessa base fazer delas verdadeiros organismos dirigentes da luta popular pelo Pão, pela Paz, pela Democracia e pela Independência Nacional. Neste momento a luta contra a vida cara e pelo salário móvel solicita a acção dirigente das células do Partido.

A aplicação das decisões da VI.ª Reunião Ampliada trouxe já resultados positivos em alguns sectores à organização do Partido. Todavia, essa aplicação está a fazer-se a um ritmo demasiado lento, a maioria dos membros do Partido não se deu ainda conta da viragem que é preciso realizar em todo o nosso trabalho organizativo e das modifica-

ções que é necessário introduzir no funcionamento das células e organismos de direcção do Partido.

Por outro lado, o espírito de algumas decisões da VI.ª Reunião Ampliada não foi ainda completamente compreendido por muitos camaradas, até mesmo por alguns quadros qualificados e daí o terem resultado certas aplicações incorrectas ou deficientes da orientação estabelecida.

A vulgarização das experiências que vão sendo colhidas é de uma grande importância para o melhoramento geral do nosso trabalho organizativo e elas devem ser trazidas às colunas de «O MILITANTE» para que aproveitem a todo o Partido. Vejamos algumas:

Alguns camaradas, compreendendo justamente a necessidade de conhecer e descobrir novos quadros, lançaram-se arduamente nesta tarefa, realizaram reuniões com vários camaradas e obtiveram êxitos que não poderão deixar de se reflectir rapidamente no rendimento de certas organizações e do seu trabalho de massas. Isto permitiu criar nestas organizações uma boa base de trabalho colectivo e descobrir alguns quadros ligados às massas e devotados ao Partido, que um trabalho fechado não tinha ainda permitido conhecer.

Estas experiências são muito positivas e indicam o justo caminho a percorrer. Efectivamente, para conhecer e descobrir novos quadros, é indispensável romper com a rotina e mergulhar a fundo nas organizações, promovendo aí, com o maior número possível de camaradas, a discussão dos problemas específicos de cada sector e das tarefas actuais do Partido. Esta discussão ampla permitirá encontrar os militantes mais activos, mais ligados às massas e mais devotados ao Partido, e com eles dar o passo em frente que se impõe, isto é, constituir organismos colectivos de direcção, estruturar a organização numa base colectiva e colocar os quadros lá onde eles possam ser mais úteis ao nosso movimento e onde se sintam mais à vontade para resolver as tarefas do Partido.

Entretanto, em alguns casos, estes passos indispensáveis não foram consolidados com a criação de organismos de direcção que assegurassem a necessária continuidade ao trabalho colectivo iniciado. Certos camaradas fizeram deste tipo de trabalho um processo normal de controle e passaram a contactar regularmente com 10 e às vezes 20 camaradas da mesma organização ou reunir regularmente com grupos de composição muito variável, com manifesto prejuízo do seu trabalho de direcção, da sua defesa pessoal e da segurança conspirativa das organizações que lhes estão confiadas. Por vezes, justifica-se esta quantidade excepcional de contactos com a afirmação de que os camaradas não são capazes de dar um passo sem a ajuda do controlador.

O que significa isto?

Isto significa que não foram ainda convenientemente compreendidos os objectivos do Partido com esta «divisão» às organizações, que não se têm em conta as exigências de uma direcção colectiva e se continuam ainda a praticar métodos deseducativos que entravam a iniciativa e o desenvolvimento político dos quadros.

Resumindo: há que conhecer o melhor possível os quadros com que conta a organização, mas para atrair os mais capazes a tarefas de direcção. Depois, há que substituir rapidamente este trabalho disperso e esgotante por um trabalho colectivo regular, apoiado em organismos estáveis que assegurem a boa direcção e permitam desenvolver a capacidade política dos quadros, o seu sentido da responsabilidade e o seu espírito de iniciativa.

Noutros casos, porém, é o inverso que se verifica.

Alguns camaradas, aceitando em palavras o princípio de direcção colectiva, não tomam, contudo, nos seus sectores as medidas práticas correspondentes para o aplicar numa maneira efectiva. Em organizações onde o contacto do Partido é feito numa base individual como é o caso, por exemplo, numa grande empresa industrial de largas tradições revolucionárias, onde estão organizados cerca de 60 camaradas, alega-se que não é possível romper com esta situação, porque os camaradas que contactam com o controlador têm limitações, recusam-se a trazer outros camaradas e não compreendem as exigências do trabalho colectivo. Entretanto, mantêm-se com estes camaradas uma infinidade de encontros de rua, perigo-

so e forçosamente de reduzida duração, onde praticamente não se pode tratar nada de sério, e não se cuida de ter com eles uma discussão demorada e esclarecedora, em condições técnicas defensáveis, de maneira a fazê-los compreender os objectivos políticos fundamentais do Partido, as vantagens do trabalho colectivo e aquilo que precisamente se exige deles. Só assim eles poderão agir junto dos outros camaradas da organização e convencê-los a virem a contactos e reuniões do Partido.

O facto desses camaradas serem muitas vezes as únicas «pontas» para as suas organizações, algumas delas importantes, justifica plenamente que se lhes dispense uma atenção mais demorada, um lugar especial nas preocupações e no trabalho dos camaradas controladores.

No fundo, isto significa que se continuam a praticar os mesmos métodos rotineiros de trabalho que levaram as organizações e os militantes do Partido a fechar-se sobre si próprios, a isolar-se das massas, a cair no sectarismo.

Noutros casos tem-se aplicado mecanicamente o princípio de direcção colectiva sem ter em conta as particularidades de cada sector. Assim, por exemplo, numa grande empresa industrial que se desdobra em secções distintas e onde, além disso, o trabalho é feito por turnos, foram designados para a constituição de organismos camaradas que trabalhavam em turnos diferentes.

Daqui resultou que, na prática, não foi possível realizar trabalho colectivo de direcção nem estruturar a organização na empresa numa base colectiva justa.

Noutra empresa, igualmente a trabalhar por turnos, o camarada mais capaz estava num turno que o impedia de realizar trabalho colectivo de direcção na sua célula e mesmo contactar regularmente com os outros militantes da organização. Entretanto, noutro turno, embora com camaradas menos qualificados, existia o mínimo de condições para se realizar trabalho colectivo de direcção. Apesar disso, teimava-se em controlar a organização através do camarada mais capaz, o que, na prática, redundava num desligamento da organização e num trabalho de direcção de tipo individualista.

A organização do Partido não obedece a um esquema rígido. Para cada situação particular devem encontrar-se as formas mais apropriadas de organização que melhor correspondam às exigências do trabalho político e da direcção colectiva. Se numa empresa a existência de turnos dificulta a agrupação dos camaradas mais capazes em organismos colectivos de direcção há que dar um balanço aos quadros, ver aqueles que reúnem o mínimo indispensável de condições para um trabalho de direcção e que, ao mesmo tempo, possam reunir e contactar com regularidade. Com eles devem constituir-se os organismos dirigentes das células, sendo aplicáveis os mesmos processos para a estruturação colectiva da organização. Ou, então, se se trata duma empresa importante, com secções dispersas por vários locais e trabalho muito diferenciado, que se constitua mais de um organismo de direcção, por cada secção importante ou turnos de trabalho, promovendo-se o desdobramento do controle. Neste caso, convém de tempos a tempos promover reuniões de camaradas dos vários organismos de direcção da célula para unificar a acção da organização à escala da empresa e dar um balanço ao conjunto dos problemas.

Para os camaradas mais capazes, impossibilitados de dar a sua contribuição ao trabalho colectivo da sua célula, não faltarão tarefas e campo de acção onde poderão dar ao Partido e à sua classe tudo o que está nas suas possibilidades.

Em resumo: preferir sempre o trabalho colectivo ao trabalho individual e estudar em cada caso concreto a melhor forma de o levar à prática, encontrando ao mesmo tempo maneira de aproveitar todas as possibilidades dos quadros em benefício da organização e da luta de massas.

Todas estas questões exigem um trabalho organizado de direcção, o estudo prévio das condições particulares de cada sector e uma grande mobilidade de formas de organização que respondam às exigências fundamentais da direcção colectiva e da democracia interna do Partido.

EXPERIÊNCIA SOBRE A LUTA DOS PESCADORES DE MATOSINHOS

por FERREIRA

A luta dos 17 mil pescadores desencadeada em muitos portos da costa portuguesa foi mais uma vitória dos trabalhadores do nosso país na sua luta contra a desenfreada exploração a que estão submetidos pelo patronato que tem o apoio do governo.

Ao chegarem ao princípio de Maio constatarem os pescadores das traineiras da pesca da sardinha que os armadores, de acordo com as autoridades e dirigentes fascistas das Casas dos Pescadores, tinham elaborado uma nova matrícula que agravaria grandemente as suas já miseráveis condições de vida, caso entrasse em vigor.

Como um só homem, os valentes pescadores recusaram-se a assiná-la e imediatamente entraram em greve em alguns pontos, como Matosinhos, a que estão ligados os pescadores da Afurada, Póvoa do Varzim, Vila do Conde, etc., num total de cerca de 6 mil, mantiveram-se unidos e firmes durante um mês inteiro, só pegando no trabalho quando lhes foi garantido o pagamento sobre a antiga matrícula.

Uma greve de um mês abrangendo milhares de homens, levada a cabo num país onde reina o terror fascista e são negados aos trabalhadores os mais elementares direitos, é só por si uma grande vitória, que, além do mais, nos mostra de novo que quando os trabalhadores se unem para defender os seus interesses se tornam invencíveis e obrigam o patronato e o fascismo a recuar.

A LUTA EM MATOSINHOS

A unidade e firmeza demonstradas durante a luta pelos valentes pescadores de Matosinhos são um exemplo para todos os trabalhadores do nosso país e alguns aspectos convém salientar para que se colham as devidas experiências e ensinamentos. Assim, há que salientar:

A unanimidade e firmeza com que entraram na luta e a unidade que souberam manter até ela terminar.

As concentrações que fizeram, na praia, armazéns, etc., uma das quais com cerca de 3 mil pessoas, apesar de as autoridades proibirem todas as reuniões e ajuntamentos.

A recolha de fundos que fizeram entre si para apoiar e movimentar a sua comissão de unidade.

O apoio que souberam pedir aos seus camaradas que pescam nos pequenos botes, os quais, admitindo mais um pescador em cada barco, ajudaram a resolver o problema de muitas centenas de pescadores.

A vigilância que souberam manter durante toda a luta para que nenhum mestre matriculasse as suas companhias contra a vontade delas. Desta vigilância resultaram algumas sardas dadas nos mestrões que, como lácios dos armadores, tentaram realizar esta manobra. Assim, deram os pescadores de Matosinhos a todos os trabalhadores portugueses um belo exemplo de combatividade e firmeza.

Da mesma maneira convém salientar a resistência que estes valentes pescadores souberam opor tanto às ameaças e intimidações como às falsas promessas, quer da PIDE, quer das autoridades marítimas e dos delegados do governo, mandando expressamente para resolver o assunto; de salientar também a resistência oferecida às manobras destes mesmos senhores para os dividir e enganar.

Outro factor muito importante e que muito contribuiu para a vitória dos pescadores foi a contribuição dada à luta pelas mulheres das famílias dos pescadores, que desde o início se mantiveram a seu lado, incitando-os a não trabalharem nas condições impostas pelos armadores. A elas se devem alguns dos exemplos

de maior firmeza e combatividade verificados durante toda a luta, especialmente durante as concentrações e manifestações de rua.

Estes foram os acontecimentos mais importantes que permitiram aos pescadores de Matosinhos alcançar a vitória.

Entretanto, esta vitória não foi aquela que eles poderiam ter alcançado, pois a força de que dispunham ter-lhes-lhe permitido exigir dos armadores uma contrata melhor remunerada do que a antiga, que não sendo tão má como a que lhes queriam impor, também não corresponde, nem de longe, às suas necessidades e àquilo a que têm direito como trabalhadores que, além de realizarem trabalho bastante pesado, não têm um horário de trabalho e trazem a vida em constante perigo.

O que precisavam os pescadores de Matosinhos para alcançar esta vitória?

Antes de tudo, precisavam de lutar não sómente contra a nova matrícula, mas pela assinatura de uma outra que eles mesmo elaborassem, onde colocassem as suas reivindicações mais imediatas, tais como um salário mínimo por quinzena, maior percentagem sobre a venda do peixe, pagamento do Abono de Família e ainda outras que lhes parecessem justas.

Em seguida, precisavam de ter eleito uma Comissão de Unidade com dezenas de pescadores e não só com 3 como fizeram; isto deu como resultado que a Comissão fosse alvo de ameaças por parte da PIDE e outras autoridades, obrigando-a a encolher-se e a medo de ser presa ou de perder o emprego.

Uma vez estabelecida a Unidade à volta da luta pela nova matrícula, precisavam de, com a sua Comissão à frente, fazer concentrações junto da Casa dos Pescadores, Capitania, etc., exigindo que as suas reivindicações fossem satisfeitas. Nestas concentrações, devia participar o maior número possível de pescadores, incluindo os que andavam embarcados nos pequenos barcos, assim como deviam levar consigo suas mulheres e filhos, etc..

Constatando que a maioria da população lhes dava o seu apoio e estava a seu lado, deviam ter sabido trazê-la à luta para que os ajudasse mais directamente a pressionar as autoridades e os armadores para que estes cedessem mais cedo. Isto serviria ao mesmo tempo para reforçar a unidade entre os pescadores e as outras camadas da população.

Estas seriam as condições que teriam permitido aos pescadores de Matosinhos não só alcançar a vitória mais rapidamente como conquistar melhores salários.

Ao aproximar-se a campanha de 1956, devem os pescadores ter bem presente a experiência desta luta e aproveitá-la para conseguirem melhores condições de vida e impedir quaisquer manobras dos armadores que visem prejudicar os seus interesses.

A ACÇÃO DO PARTIDO

Sobre a acção desenvolvida pelo Partido durante o decorrer da luta e mesmo antes de ela ter começado, também alguma coisa há a dizer, tanto sobre os factos positivos como negativos.

Quanto aos primeiros, é justo salientar os esforços desenvolvidos pelos camaradas que contactavam com os pescadores. Da parte destes camaradas houve iniciativa e audácia que muito contribuíram para manter até ao fim a Unidade e a firmeza dos pescadores.

Graças à sua actividade, pôde o nosso Partido acompanhar a luta quase desde o início até ela terminar. Os documentos publicados e distribuídos foram muito bem

aceitos pelos pescadores e muitos deles foram lidos e aprovados em colectivo nas «ilhas» e outros locais, o que quer dizer que o nosso Partido se prestigiou perante esta grande e laboriosa classe.

Não podemos, no entanto, dar-nos por satisfeitos com tudo o que fizemos, dado que no nosso trabalho temos deficiências de carácter sectorial e rotineiro que devemos assinalar. Foi devido ao sectorismo que não tomámos as medidas que se impunham para penetrar no seio dos pescadores muito antes da luta ter começado, tanto mais que as condições para o fazer existiam, como se verificou mais tarde. Daqui viria a resultar a maioria das nossas dificuldades.

Mesmo depois da luta ter começado, nós actuámos ainda com bastante rotina, quando havia que tomar imediatamente medidas organizativas de maneira a estudar e utilizar todas as vias que pudessem levar aos pescadores a orientação que lhes faltava.

Havia também que tomar medidas para popularizar a luta dos pescadores de Matosinhos, tornando-a mais conhecida, tanto à escala regional como nacional, dado que o governo procurava não somente isolar os pescadores para os fazer render pela fome, como ainda esconder o fracasso da sua política de brutal repressão que ali não podia pôr totalmente em prática devido à grandeza da luta.

Ao mesmo tempo, havia que tornar bem conhecidas dos pescadores as vitórias que em alguns portos do país já haviam sido alcançadas. Neste aspecto, não foi só insuficiente o que fizemos, como também não aproveitámos convenientemente a ajuda que neste sentido a Direcção do Partido nos deu, pois que por incompreen-

são de alguns camaradas se retardou desnecessariamente a distribuição do manifesto da Direcção do Partido dirigido aos pescadores de todo o país; sublimámos, assim, não só a ajuda aos pescadores, como o próprio Partido.

Havia, por outro lado, que desenvolver maiores esforços para desmascarar a PIDE, explicando aos pescadores a razão por que ela não actuava ali dentro dos seus métodos hebraicos, para que eles compreendessem desde logo que essa forma de acção se devia à grandeza da sua luta e, sobretudo, à forma decidida como eles estavam dispostos a defender os seus direitos. Estas foram as razões porque estes raivosos inimigos dos trabalhadores se viram obrigados a actuar vestidos com pala de cordeiro.

Daqui devemos concluir que as forças repressivas se não aventuram a investir contra as massas quando estas se encontram unidas. A própria PSP do Porto, que foi chamada para desfazer a concentração de 3.000 pescadores que se realizou na praia, teve de recuar ao ver um dos seus agentes ser envolvido e soado em poucos segundos.

Estes são os aspectos que mais convém salientar, que apesar de já analisados e discutidos nos organismos responsáveis, devem continuar a merecer-nos toda a atenção, para, em futuras lutas, tomarmos com tempo as medidas adequadas para uma maior ajuda aos pescadores e ligarmos-nos ainda mais à classe.

Da justeza da orientação traçada, da maleabilidade com que foi aplicada, da antecipação com que começámos a actuar depende em grande parte a vitória dos pescadores em lutas futuras.

OS TRABALHADORES INTELECTUAIS E A UNIDADE

por LÍDIA

No campo da cultura, como não podia deixar de ser, também se fazem sentir os efeitos da política antinacional da camarilha salazarista. Ela nega, avilta e espezinha as fontes nacionais da nossa cultura; persegue, prende e insulta os maiores valores nacionais nas artes, letras e ciências; ela dispõe da terrível arma da censura, «suspensa como um cutelo» sobre os trabalhadores intelectuais e a tudo recorre para impedir que eles se reúnam e discutam os problemas que lhes interessam. Ao mesmo tempo, ela abre as portas do país à invasão da ideologia americana («modo de vida americano»), à onda de cosmopolitismo.

A campanha de desnacionalização, de perseguição à cultura, de obscurantismo assim levada a cabo, reflecte-se num número cada vez maior de trabalhadores intelectuais desempregados (já alguns milhares) e numa vida difícil e cheia de preocupações e problemas. Como todo o nosso povo, os intelectuais, em número cada vez maior, anseiam por uma vida feliz, pacífica e de bem-estar. Por tudo isto: «A intelectualidade portuguesa está, pois, interessada em participar activamente na unidade contra a camarilha salazarista, porque esse é o único meio para ver os seus problemas resolvidos servindo a cultura nacional.» (Informe do camarada Amílcar à VI.ª Reunião Ampliada do C.C. do P.C.P.).

Esta uma realidade que os nossos camaradas devem ter bem presente na sua acção junto dos trabalhadores intelectuais sem partido ou democratas.

A unidade dos intelectuais forja-se à na luta por reivindicações próprias a cada sector da intelectualidade e na luta por reivindicações comuns a todos e ao nosso povo (contra a censura, pelo progresso técnico do país, por relações culturais com todos os povos, etc.).

COM O POVO, PELO PROGRESSO

O facto de muitos intelectuais terem percorrido até hoje caminhos diferentes dos da classe operária, dos do nosso povo, particularmente nestes últimos anos, não é motivo para pensarmos que eles continuarão a trilhar-lhes. Interessa mais perguntar para onde vão do que donde vêm.

Há ainda inúmeros escritores, artistas, cientistas, professores, engenheiros, que estão verdadeiramente interessados no progresso da cultura nacional, mas que andam afastados e dispersos e dos seus esforços não re-

sulta para a cultura e para o país o que seria de esperar e o que eles desejariam. Nas suas obras perpassa uma aspiração à verdade, à beleza, à felicidade e à paz que é a negação de tudo o que o fascismo difunde. Ajudemos estes intelectuais a trilhar esse caminho e a alinhar pelos interesses da classe operária, garantia da universalidade da cultura.

Hoje, muitos dos que já compreenderam o significado de uma política de obediência nacional hesitam ainda em marchar com o povo. Mas eles o farão se lhes explicarmos o que significa uma política de independência nacional e o que beneficiariam com ela. Em relação a estes trabalhadores intelectuais, há camaradas também intelectuais que nem sempre têm compreendido a necessidade de tais explicações, nem sempre têm sido pacientes, calmos e reflectidos, como a situação o exige. Eles têm sobrestimado a sua posição de intelectuais de vanguarda e subestimado os restantes intelectuais, as massas, esquecendo-se de que a vanguarda isolada está condenada à derrota. A linguagem dura e sectária, bem como as formas de trabalho igualmente sectárias dos nossos militantes não têm permitido um esclarecimento calmo e reflectido da situação, têm impedido que os trabalhadores intelectuais venham em maior número à unidade e enfileirem com o povo.

CORRIJAMOS OS Nossos ERROS

O espírito de «grupinho» tão próprio dos intelectuais, que os leva a fecharem-se, isolando-se dos outros trabalhadores intelectuais, das massas, é um sério obstáculo que tem de ser vencido para a constituição da frente unida da intelectualidade portuguesa na luta pela defesa dos seus interesses e aspirações. Isto exige, antes de mais nada, que lutemos contra nós mesmos, contra o individualismo que a sociedade burguesa se esforça por cultivar e desenvolver entre os intelectuais.

Por outro lado, como foi salientado na VI.ª Reunião Ampliada, «o nosso Partido, incluindo a sua própria Direcção, nem sempre tem sabido tomar uma atitude justa em relação aos intelectuais, nem sabido compreender as suas muitas dificuldades e incompreensões. O sectorismo levou-nos muitas vezes a desancar alguns intelectuais, mesmo intelectuais do Partido, quando eles se

debatiam com dificuldades e mostravam incompreensões, por vezes graves e hesitações, em vez de os ajudar fraternal e pacientemente a vencer essas dificuldades».

E na luta contra estas debilidades e deficiências que se fortalecerá o nível político e ideológico de todo o Partido, que se criarão as condições para levar a cabo com êxito as tarefas do Partido no domínio da cultura, tarefas que respeitam a todo o Partido, desde a célula ao Comité Central.

Um esforço sério tem de ser feito em todo o Partido, no sentido de fazer compreender aos nossos militantes que a batalha pela cultura nacional é uma batalha de todo o Partido e que o simples militante da célula da empresa pode e deve criticar e ajudar o trabalhador intelectual não só a vencer as suas dificuldades como a melhorar a sua obra. Naturalmente que isto exige, por outro lado, que acabe o isolamento dos nossos intelectuais em relação às massas, que entre eles se desenvolva o hábito de as ouvir, de atender as suas críticas, como militantes e como profissionais da cultura. E não é impossível, mesmo sob o fascismo, tornar isto realidade,

desde que os trabalhadores intelectuais estejam sinceramente convencidos da necessidade de o fazer.

Isto exige ainda, por outro lado, que os comunistas trabalhem com ardor para difundir entre as amplas massas do nosso povo as obras dos grandes escritores, sábios, poetas, artistas, que contribuíram para o florescimento da nossa Pátria no passado e no presente.

Em relação aos outros trabalhadores intelectuais, leve mos desde já à prática, pondo da parte todo o sectarismo, a orientação do Partido, traçada na VI.^a Reunião Ampliada:

«As organizações intelectuais do Partido devem tomar medidas práticas para poderem discutir os problemas da unidade colocados pelo Partido e, em seguida, passarem audaciosamente à acção junto de todos os intelectuais susceptíveis de virer à unidade».

A luta pelas suas aspirações mais sentidas, assim como o amor à Paz, à Democracia, à Liberdade e à Independência da Pátria, eis o traço comum que unirá todos os homens e mulheres das artes, letras e ciências nacionais.

A FRAQUEZA FRENTE À POLÍCIA

SIGNIFICA COLABORAR COM O INIMIGO NA LUTA CONTRA OS INTERESSES DO POVO !

por MELO

Nem toda a sua acção política e educativa o Partido tem feito esforços para desenvolver em todos os comunistas e nas massas em geral o espírito da intransigência perante a polícia. Por essa razão, a consciência de que a polícia não se deve fazer declarações que por qualquer forma possam prejudicar a luta contra o fascismo, cresce entre as massas. Esta conduta é aceite e cumprida, não somente pelos militantes responsáveis, não somente pelos comunistas, mas em geral por todos os democratas e partidários da paz, homens, mulheres e jovens das mais diversas camadas da população e de diferentes convicções políticas ou religiosas, que frente à polícia, aos carcereiros e aos juizes fascistas, têm uma conduta de firmeza e combatividade intransigente. Entre 200 comunistas e democratas que em 1954 passaram pela prisão de Caxias, apesar das violências utilizadas pela PIDE, somente 20 deles não tiveram uma conduta firme e intransigente. A verificação destes progressos sensíveis é um facto altamente positivo que evidencia os esforços realizados pelo Partido e outras organizações democráticas.

Mas os factos positivos não nos devem levar a ignorar ou a subestimar o muito que existe de negativo neste aspecto fundamental da actividade do Partido. Na história do nosso Partido são inúmeros os exemplos dos prejuízos incalculáveis e em certos casos irreparáveis causados pelas traições na polícia. E, apesar dos progressos verificados, continua-se a constatar uma percentagem elevada de maus comportamentos e denúncias, em prejuízo dos interesses das massas e da luta contra o fascismo.

Há poucos anos, os mineiros de Aljustrel, através da sua luta, estavam em vias de obter aumento de salário, mas, devido às prisões provocadas pelas denúncias de alguns elementos, a organização local do Partido ficou desligada, desorganizou-se e a luta paralizou inteiramente. O mesmo sucedeu recentemente na fábrica dos Ingleses, no Porto, onde, depois de diversas tentativas para impor os 4 teares, o patronato viu finalmente a sua acção facilitada pelas denúncias feitas na polícia por alguns operários.

Ao contrário destes dois exemplos, nas greves de 8 e 9 de Maio foram presos centenas de operários e nas greves camponesas de 1953, só na região de Pias e Vale de Vargo, foram presos mais de 100 camponeses, mas a firmeza dessas centenas de trabalhadores impediu a polícia de localizar os militantes do Partido, que pôde assim continuar a assegurar a orientação e organização da luta. O confronto destes dois exemplos indica-nos que, onde se deram traições, milhares de operários não conseguiram obter suas justas reivindicações e a sua luta desorganizou-se durante algum tempo, mas onde os comunistas foram firmes e estavam ligados às massas, estas viram suas reivindicações sa-

tisfeitas, o Partido reforçou seu prestígio e consolidou e ampliou as suas organizações. As traições e as denúncias na polícia são, pois, uma manifestação concreta de colaboração com o inimigo na sua luta contra os interesses das massas, conduzem ao enfraquecimento da luta, do Partido e das organizações democráticas, e contribuem para o prolongamento do regime terrorista de Salazar no poder. A firmeza e a intransigência frente à polícia, não somente assegura o alargamento da luta, como torna a repressão inteiramente impotente.

Na raiz dos maus portos na polícia reside a falta de confiança nas massas e no futuro da luta, aliada à falta de carácter, ausência de espírito de sacrifício, de amor ao Partido e ao povo. Um elemento recentemente preso não confiava nas massas e nos camaradas da sua empresa e recusava-se a certas tarefas, invocando o receio de ser denunciado caso os outros amigos fossem presos. Porém, foi ele que denunciou os outros camaradas, pois atribuía a estes o que existia em si próprio, pois, não se confiando nas massas, não se pode confiar em si próprio.

Aqueles que invocam a situação das famílias para «justificarem» suas denúncias, não são mais do que uma manifestação de medo e cobardia. Foi com essa justificação que, há poucos anos, um elemento do Porto denunciou outro, este, por sua vez, denunciou outros, indo parar à prisão mais de 20 camaradas. Quando um elemento individualiza a sua situação, pensando exclusivamente em si próprio, como foi este caso, desonra-se perante a família (com a qual procurava desculpá-lo) e faz sacrificar dezenas de outras famílias que viram seus familiares presos e torturados.

Os que entram no terreno das denúncias e da traição, traem os seus deveres para com o povo e os compromissos que aceitaram livremente ante o Partido. Por isso, eles são odiados pelas massas e esconhem-se delas, como é o caso dos miseráveis Mário Mesquita, João Rodrigues, Sequeira e outros que, recando as massas, escondem o seu paradeiro. E isso porque, como disse Júlio Fuchik, herói da Checoslováquia fuzilado pelos nazistas, «um covarde perde mais do que a vida. Foi derrotado. Desertou do exército glorioso e se expôs até mesmo ao desprezo do seu inimigo mais sórdido. E mesmo vivo — não vivia mais porque se havia excluído da colectividade».

A vigilância política na selecção dos quadros é não somente indispensável para impedir a acção dos pro-

vocadores, mas também para reduzir ao mínimo os maus portes na polícia. As prisões em massa são quase sempre o resultado da acção dos provocadores secundados pelas denúncias doutros cujas características não eram suficientemente conhecidas (tal foi o caso das recentes prisões dos jovens do Porto, Coimbra e Lisboa). O conhecimento das características e do carácter de cada camarada, da forma como aplica as directrizes do Partido, como as defende, como cumpre as suas tarefas, permitirá reconhecer a sua honestidade e fidelidade ao Partido e ao povo.

Aqueles que por espírito de transigência não cumprem as directrizes do Partido quanto ao desmascaramento dos provocadores, dos bufos e da PIDE, revelam débil consciência política e ausência de ódio de classe e isso é quase sempre uma porta aberta para a fraqueza no caso de caírem na polícia. Tal é o caso dum elemento que andou a fazer pedidos e a prometer ofertas a um agente da PIDE para libertar um seu familiar. Mais tarde, quando foi preso, denunciou tudo o que sabia.

Também há camaradas que procuram desculpar os maus portes de certos amigos pessoais, com a alegação de que só denunciaram um camarada, que isso foi devido à pressão da família, que fora obrigado a isso porque de contrário a polícia o mataria, etc.. Nalguns casos, as ideias destes camaradas podem traduzir somente sentimentalismo pequeno-burguês e o não compreenderem que a denúncia dum é quase sempre o início da denúncia de muitos outros. Mas, noutros casos, tais ideias são sintoma de transigência e falta de firmeza no caso de serem presos e ficarem em situações semelhantes. Todos os camaradas e patriotas estão sujeitos a passarem pelas prisões salazaristas e a suportarem sacrifícios, por isso devem estar apetrechados para compreenderem que «o espectáculo das pessoas cuja consciência está comprometida é mais terrível do que o espectáculo das pessoas torturadas fisicamente».

* * *

A acção do nosso Partido para eliminar das suas fileiras os maus portes, deve ser orientada em diversos sentidos, mas um dos aspectos decisivos reside na elevação do nível político e ideológico de todos os seus quadros. Quando se possui espírito de Partido, confiança inabalável nas massas e na vitória da nossa causa, confia-se no futuro e não há nada que possa abalar a justeza das nossas convicções. Esta é a melhor e a mais sólida muralha para tornar inúteis os esforços da PIDE, quer use de violências ou de subtilezas.

Assegurar que todos os comunistas tenham ante a

polícia uma postura digna, firme e intransigente, não dando informações nem fazendo confirmações ao inimigo sobre a organização, sobre os quadros ou quaisquer actividades do Partido e de outras organizações democráticas, nem sobre quaisquer outras pessoas, é uma tarefa da máxima importância, ela é decisiva para todo o Partido. Ao Partido cabe a tarefa de levar cada comunista a assimilar completamente a orientação estabelecida sobre este problema e levar essa mesma orientação para as massas, para todos os democratas e pessoas honestas. A discussão permanente deste problema é indispensável, tanto mais que há sempre novos quadros a virem ao Partido e à luta e que não possuem experiência, nem conhecem os folhetos «Se Foes Preso, Camarada...» e «Firmeza e Intransigência Revolucionária Perante o Inimigo de Classe», materiais indispensáveis para cada camarada. Não são poucos os camaradas, e inclusive funcionários do Partido, que apesar da sua inabalável firmeza têm tido deficiências ante a polícia e isso porque não assimilaram convenientemente a orientação estabelecida pelo Partido. Ainda recentemente, um camarada sujeitou-se a fazer «estátua» durante dezenas de horas, unicamente porque desconhecia a orientação do Partido de recusar tal humilhação.

Muito ainda há a fazer neste importante aspecto da actividade do Partido, particularmente naquelas organizações onde é maior a percentagem de maus portes na polícia, como é o caso do Norte. Ainda recentemente se verificou haver um camarada, desde há muito membro dum CL, que teve a sinceridade e a honestidade de confessar que não dava quaisquer garantias de firmeza caso fosse preso. A nossa tarefa não reside em expulsar das nossas fileiras todos aqueles que não foram dignos de usar o honroso título de membros do Partido de Bento Gonçalves e Alvaro Cunhal. O essencial é evitar que tenhamos de proceder desse modo, impedindo os maus portes e as prisões provocadas pelas denúncias e traições e assegurando que todos os camaradas dêem garantias e possuam confiança na sua firmeza, caso tenham de enfrentar o inimigo. Para o conseguirmos, é indispensável discutir este problema de forma ampla e permanente, levando cada camarada a expor com sinceridade e honestidade quais são as suas dúvidas, os seus receios e hesitações, saber o que pensam sobre a origem dos maus portes na polícia, etc..

Sómente através duma ampla e permanente discussão se poderá assegurar que a orientação do Partido sobre este importante problema seja devidamente assimilada e executada. Esta é uma das mais importantes tarefas, dela dependem em grande parte os progressos de todo o Partido.

A FORÇA DA CLASSE OPERÁRIA RESIDE NA UNIDADE E NA ORGANIZAÇÃO

(Artigo do jornal «Por uma Paz Durável, Por uma Democracia Popular» de 7 de Junho de 1955.)

Os grandes guias dos trabalhadores — Marx, Engels, Lênine e Stáline — ensinaram que a força da classe operária reside na sua unidade e organização, tanto no marco de cada país como na escala internacional. «Sem a organização das massas — indicava Lênine — o proletariado não é nada. Organizado é tudo. Organização é unidade de acção, unidade de actuação prática.»

Neste momento, a unidade da classe operária tem especial importância. Na presente situação internacional, é necessário uma crescente coesão das forças do proletariado dos países capitalistas, a intensificação da sua luta pela paz, pelas reivindicações essenciais dos trabalhadores.

A unidade da classe operária é o alicerce básico para o mais amplo agrupamento de todas as forças nacionais patrióticas de cada país numa frente popular única. A unidade da classe operária e a aliança da classe operária com os camponeses são as condições determinantes para resolver felizmente não só as

tarefas diárias mas também os problemas fundamentais colocados ante a classe operária dos países capitalistas. Um grande exemplo em que se inspira o proletariado dos países capitalistas é a unidade da classe operária dos países do poderoso campo da paz, da democracia e do socialismo.

A mais ampla unidade da classe operária é não só imprescindível mas também plenamente realizável. Um resultado importantíssimo do movimento operário internacional durante os últimos anos consiste em que a ideia da unidade penetrou profundamente na classe operária. No período de após-guerra, a unidade de acção das organizações proletárias fortaleceu-se e adquiriu um amplitude desenvolvimento.

Assim o demonstra palmarmente o fortalecimento da Federação Sindical Mundial. Enquanto no II.º Congresso Sindical Mundial, celebrado em Junho — Julho de 1949, estiveram representadas as centrais sindicais de 48 países, no III.º Congresso Sindical Mundial, que teve lugar em Outubro de

1953, estiveram já representadas 79 centrais sindicais nacionais. A F.S.M., que conta nas suas fileiras com mais de 88 milhões de trabalhadores, é a organização sindical internacional mais potente e prestigiosa que conhece a história do movimento operário.

O robustecimento da unidade da classe operária teve a sua mais clara expressão nas acções a favor da cessação da guerra na Coreia e na Indochina, na continua ampliação da luta pela proibição das armas atómicas e demais armas de extermínio em massa, na luta contra a preparação de uma nova guerra, pela manutenção e consolidação da paz no mundo inteiro.

Todos os trabalhadores, independentemente da sua filiação política ou sindical, estão vitalmente interessados na solução dos principais problemas do nosso tempo — impedir uma nova guerra, proibição das armas de extermínio em massa, necessidade de impedir o rearmamento da Alemanha Ocidental, defesa das conquistas democráticas e da independência nacional — e no melhoramento das suas condições de vida. Todos os trabalhadores querem viver em amizade e em paz, aspiram a uma existência feliz. Assim o evidenciou de modo concludente a Conferência de representantes dos trabalhadores e dos sindicatos dos países da Europa reunida no mês de Abril último em Leipzig. Nesta conferência estiveram representados sindicatos de diferentes tendências, trabalhadores de diverso matiz político, filosófico e religioso. E todos os representantes dos trabalhadores chegaram a uma mesma conclusão fundamental: a de que é necessário unir as forças de todos os trabalhadores para lutar contra a aplicação dos acordos de Paris, contra aqueles que pretendem arrastar os trabalhadores a uma guerra fratricida, a conclusão de que é necessário unir-se para frustrar os criminosos planos de preparação de uma guerra atómica, para conseguir a solução dos problemas internacionais, não por meio da força, mas sim através da negociação.

Os importantes combates grevistas desencadeados ultimamente em muitos países capitalistas demonstram a grande força da classe operária. Provam o seu espírito combativo, a sua determinação de dar uma resposta contundente aos intentos dos monopólios de intensificar ainda mais a exploração e o saque dos trabalhadores. O traço característico das acções da classe operária é a sua extraordinária amplitude e a formidável firmeza demonstrada na luta. Na Itália, França, Estados Unidos, Alemanha Ocidental, Brasil, Argentina, Índia, Japão, Canadá, Chile registaram-se poderosas greves de diferentes destacamentos da classe operária. Na Inglaterra, a luta grevista toma cada vez mais incremento. A paralização declarada pelos ferroviários que terminou não há muito vitoriosamente, é uma importantíssima acção da classe operária inglesa. As greves, as manifestações e outras acções do proletariado desenvolvem-se sobre o signo do fortalecimento da sua unidade.

Na França conseguiu-se um notável progresso na unidade de acção da classe operária. Apesar do veto da direcção do Partido Socialista, em muitos casos fez-se e faz-se a unidade entre comunistas e socialistas na luta contra o renascimento da Wehrmacht germano-occidental, pelas prementes reivindicações dos operários, em defesa das liberdades democráticas, assim como no decorrer da campanha de assinaturas para o Apelo de Viena. Os sindicatos enquadrados na «Força Operária» e na Confederação Francesa dos Trabalhadores Cristãos participam ao lado dos sindicatos filiados na Confederação Geral do Trabalho de França em muitas acções por aumento de salários, pela supressão das zonas de salário, contra os ritmos infernais de trabalho e contra o sistema de multas.

Na Itália, a Unidade da classe operária assenta no pacto de acção conjunta concluído entre os Partidos Comunista e Socialista. Esta Unidade fortalece-se dia após dia nas batalhas dos trabalhadores pela Paz, o bem estar e a liberdade. Nes-

te sentido, é significativa a greve sustentada durante 120 dias pelos portuários de Génova, comunistas, socialistas, social-democratas e católicos. Mantida sob o signo da Unidade e com o apoio e a solidariedade de toda a população de Génova e de todos os trabalhadores do país, esta greve foi coroada pelo triunfo dos operários portuários. O magnífico exemplo de coesão dos portuários genoveses mostra uma vez mais que ali onde os diferentes destacamentos da classe operária actuam sob o signo da unidade, a sua acção acaba geralmente com a vitória.

No decorrer da acção conjunta, elaboraram-se as mais variadas formas políticas e organizativas de unidade. A experiência ensina que os comités de unidade eleitos democraticamente em assembleias de todos os trabalhadores são uma firme ponte para levar à prática os acordos adoptados.

A unidade da classe operária não se consegue de modo espontâneo e automático, mas mediante um trabalho paciente e tenaz dos comunistas entre todas as categorias dos trabalhadores, mediante o decidido desmascaramento dos principais inimigos da unidade: os líderes socialistas de direita e os dirigentes reacccionários dos sindicatos. Seguindo zelosamente a linha do imperialismo ianque, os líderes socialistas de direita justificam a política de «posições de força», a preparação da guerra atómica pelos imperialistas e a reacção cruzada «contra o comunismo». A luta intransigente e consequente, na teoria e na prática, contra os líderes socialistas de direita e os dirigentes reacccionários dos sindicatos, o seu isolamento das massas e uma atitude fraternal para com os socialistas de base, são uma condição indispensável para conseguir a unidade da classe operária.

Os Partidos Comunistas e Operários dos países capitalistas, coloniais e dependentes, consequentes defensores dos interesses da classe operária e de todos os trabalhadores, acumularam uma grande experiência na luta pela unidade operária. Esta experiência tem sido sintetizada nas decisões dos Congressos e dos Plenos dos Comités Centrais dos Partidos Comunistas e Operários. Considerando justamente que a luta pela unidade da classe operária é uma das tarefas mais importantes do período actual, os Partidos Comunistas e Operários descobrem audaz e decididamente os seus defeitos e erros nesta luta a fim de a prosseguir com maior energia e com mais eficácia.

Um sério obstáculo para o fortalecimento da unidade é o sectarismo ainda não superado. Alguns comunistas, como salientou, por exemplo, o Comité Central do Partido Comunista Francês, desdenham a luta pela frente única, confundem os trabalhadores socialistas com os líderes socialistas de direita. Tais comunistas prejudicam a causa, não alargam, antes diminuem a influência da vanguarda comunista sobre a classe operária.

O dever dos comunistas é ligar-se a todos os destacamentos da classe operária e a todas as suas organizações de massas, a todas as camadas da população, redobrar o seu empenho e os seus esforços para agrupar numa frente única os trabalhadores pertencentes às organizações social-democratas, cristãs e outras. Estar no meio das massas, trabalhar com as massas: esta é a divisa do comunista. Quem não compreende isto, quem não compreende que é preciso trabalhar de maneira paciente e tenaz com os socialistas e os católicos de base, com todos os trabalhadores, e que se deve ampliar continuamente os vínculos com as massas, não é um verdadeiro comunista.

A unidade consegue-se primeiro que tudo na luta, na acção conjunta. Pode realizar-se à volta de uma só questão, de uma só reivindicação concreta, ou num plano mais largo. A unidade pela base é a forma mais efectiva da unidade da classe operária. Por isso, o trabalho persistente e activo dos comunistas nas empresas com o fim de unir os operários é particularmente importante e necessária.

Ao mesmo tempo que lutam contra o sectarismo, os Partidos Comunistas e Operários atacam reso-

lutamente a tendência oportunista de esconder a bandeira do Partido, de renunciar ao papel de vanguarda dos comunistas. Para fazer avançar a classe operária e dirigir a sua luta, os Partidos Comunistas e Operários reforçam infatigavelmente as suas fileiras e melhoram o seu trabalho político de massas e organizativo entre os

trabalhadores.

Os operários de todos os países cerram cada vez mais estreitamente as suas fileiras. A classe operária unida é onipotente. Unindo as suas forças, a classe operária pode resolver com êxito as tarefas de transcendência histórica mundial que se levantam diante dela.

A CAMPANHA DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS

por OLÍVIO

Quando foi lançada a famigerada Campanha contra o analfabetismo muitas pessoas viram nesse empreendimento um sincero esforço do governo para «remediar um erro» em que teria laborado a sua administração durante um quarto de século: o de ter mantido mais de 40% da população em completo estado de analfabetismo. As pessoas que assim pensaram foram vítimas de um logro: não foi por «erro» que uma tal percentagem existiu durante tanto tempo sem que nada se fizesse para remediar o mal. O analfabetismo conserva-se no país por vontade do governo. Ele queria que aquela percentagem se conservasse pela mesma razão que os roceiros da África desejam que os negros se mantenham sem saber ler nem escrever. Um povo ignorante e inculto é mais dócil à exploração, à tirania e à opressão. O governo de Salazar sabe-o bem e por isso tem usado o obscurantismo como um meio de prolongar o seu maldito reinado.

Mas porque interrompeu ele então esse caminho trilhado durante tantos anos e lançou a Campanha, fazendo um esforço para ensinar a ler e a escrever, senão toda, pelo menos uma parte muito considerável da população? Será que veio uma hora de arrependimento e que haja decidido pôr ponto final no seu miserável proceder? Ou dar-se-á ainda o caso de ter descoberto que não existe melhor sustentáculo do seu regime do que uma elevada cultura popular? Não, não foi por arrependimento nem por ter descoberto na cultura popular um novo remédio para o seu periclitante reinado (a cultura será sempre um inimigo feroz do fascismo) que o governo pôs a Campanha «em marcha».

A Campanha foi concebida e posta em prática por razões de outra natureza.

Se até há poucos anos a maioria dos ramos da indústria nacional dispensava mão de obra letrada, outro tanto não acontece hoje dada a introdução, intensificada a partir do fim da guerra, de novos meios técnicos de trabalho. A complexa maquinaria introduzida na indústria para a obtenção de maiores lucros através da exploração mais profunda da classe operária, e o complicado sistema de controle e de registo industrial a que dá origem, criaram necessidades diferentes na qualificação da mão de obra. Se ontem para manobrar a máquina só o dispêndio de energias e a habilidade contavam, hoje, isso só não basta; é preciso estar atento a contadores e registos, é preciso ter em conta tabelas e guias que muita da nova maquinaria não dispensa; a aprendizagem é também mais complexa e requer, tal como o maneio constante, que os operários tenham um mínimo de conhecimentos, quer dizer, que saibam, ainda que rudimentarmente, ler, escrever e contar. A exigência de mão de obra com este mínimo de habilitações tem-se estendido a todos os ramos da actividade, não sendo só na fábrica que se torna indispensável; é na construção civil, na agricultura, nos serviços públicos, etc. No exercício, esta mesma exigência se manifesta. O complicado material bélico dos nossos dias e a não menos complicada engrenagem militar carecem também de uma «mão de obra» com um certo grau de instrução.

Que os objectivos da campanha visem fundamentalmente atender às exigências do capitalismo de uma mão de obra mais qualificada para a introdução de novos processos técnicos de trabalho que permitam sugar ainda mais profundamente os trabalhadores, prova-o bem o facto de ela ter sido lançada quase e por de outra campanha, a da produtividade, que não é senão uma campanha de intensificação de ritmos de trabalho e de roubo dos trabalhadores, lavada a cabo, em muitos casos, através da introdução de maquinaria mais aperfeiçoada que exige quase sempre uma mão de obra com

um grau maior de qualificação. O deputado Melo Machado pôs com clareza o problema ao dizer na Assembleia Nacional (6-12-55) que quando o Estado combate o analfabetismo «*visa precisamente a maior produtividade do trabalho e o maior rendimento dos empreendimentos económicos*».

Entendendo serem estas as razões fundamentais que determinaram a Campanha contra o analfabetismo, o fascismo, hábil como é, lançou enrelando uma campanha demagógica tendente a fazer crer que estava a proceder com o único intuito de elevar o nível cultural do povo e a zelar os interesses nacionais. Estava-se em vésperas de eleições para deputados...

Se o governo zelasse de facto os interesses nacionais, o peso da Campanha teria recaído mais sobre o orçamento público e os interesses do patronato e menos sobre os ombros das massas populares. Mas assim não aconteceu e a Campanha tem sido muito mais levada a cabo com o sacrifício de alunos e professores do que com o auxílio do Estado e das entidades patronais. Que o digam particularmente as trabalhadoras analfabetas, mães de família, a quem se obrigou a frequentar cursos sem que para isso se lhes tenha prestado qualquer auxílio ou concedido a mais pequena facilidade. Roubo nas horas necessárias ao sono e ao descanso, longas caminhadas e pé, refeições comidas a desoras e à pressa, desorganização da vida doméstica, eis o pesado contributo imposto para a realização da Campanha às mulheres trabalhadoras e a suas famílias.

Se o governo estivesse de facto sinceramente empenhado em elevar o nível cultural do povo, o nível da Campanha não teria sido tão baixo como foi (e continua a ser), dando aos alunos apenas uns rudimentos de sabedoria que não os arma senão para desempenharem com mais eficiência as suas obrigações profissionais.

* * *

Depois de ter feito passar pela escola cerca de 500 mil adultos (números oficiais) o governo anuncia agora a *segunda fase da Campanha*. De que se trata? O pelevizado fascista não o consegue esconder; a segunda fase é um plano tendente a evitar as consequências desastrosas para o regime salazarista da obra que ele próprio resolveu realizar. Ele receia que os rudimentos de instrução dada aos trabalhadores e ao povo, com um filio bem interessado, possam transformar-se nas mãos destes em armas muito perigosas para a sua existência. O domínio da leitura e da escrita pode tornar-se (e torna-se fatalmente!) um meio precioso para consciencialização das massas, e para a sua mobilização e organização para a luta contra a exploração e pela democracia; ele receia que a instrução dada ao povo possa servir a causa popular, e a atestão estão estas palavras pronunciadas recentemente num discurso pelo subsecretário da educação: «*a aprendizagem que em muitos casos origina uma avidez de saber que em alguma fonte se há de saciar pode conduzir a formações culturais indesejáveis, por anti-nacionais e anti-sociais*» (leia-se: por patrióticas e democráticas), ele receia que a avidez de saber possa conduzir as massas à leitura de obras e publicações que as ajudem a compreender ainda melhor a injustiça do regime e a necessidade de o derrubar. Ele teme que a leitura lhes faculte o conhecimento do que se passa no mundo, a marcha dos povos para o socialismo, os êxitos da União Soviética e dos países de democracia popular. Ele teme ainda o contacto das massas com as obras de arte nacionais de conteúdo progressista.

O governo de Salazar quer que o povo português saiba um pouco ler, escrever e contar, porque essa é uma exigência do actual sistema de produção capitalista, mas o que não quer por nada, e o que se esforça por impedir, é que isso sirva para ele adquirir um certo nível cultural que lhe permita tomar mais ampla consciência da injustiça da sociedade em que vive e da possibilidade que há de modificação dessa mesma sociedade. Com um tal fim, tenta agora lançar a segunda fase da Campanha, através da qual se propõe editar livros (falam em 4 milhões...), realizar filmes, organizar bibliotecas, grupos cénicos e programas de rádio, de maneira a poder orientar e dirigir, no sentido que lhe convém, a ânsia de saber gerada nas centenas de milhares de pessoas que a Campanha ensinou a ler. « Foi preocupação dominante na programação dos trabalhos do próximo ano a consecução de livros próprios da Campanha — tão numerosos que possam bastar a quem tiver a paixão da leitura, e TÃO ADEQUADOS QUE POSSAM TRANQUILIZAR QUEM TENHA SOBRE SI A RESPONSABILIDADE DA CULTURA DO POVO » (o sublinhado é nosso) disse no discurso já acima referido o sub-secretário da educação.

Para que o governo possa ficar tranquilo, os livros a editar, assim como os programas de rádio, os reportórios dos grupos cénicos e os filmes, serão organizados com base na deformação das realidades do ambiente social português, de maneira a que o salazarismo apare-

ça como defensor dos interesses nacionais e dos trabalhadores; com base na prédica ao conformismo e ao ódio à democracia; na calúnia à União Soviética e às democracias populares; na proclamação dos benefícios da organização corporativa, da campanha da produtividade, da opressão colonial e da guerra. As bibliotecas que pensam montar serão constituídas, certamente, pelas leis obras « culturais » a editar pela Campanha, por mais meia dúzia de outras que « não prejudiquem a formação cultural do povo » e completamente expurgadas de tudo o que fale verdade sobre a vida e tenha um carácter progressista e democrático.

Para que o governo possa ficar tranquilo, será desta natureza a cultura que a Campanha se esforçará por difundir no seio das massas. É certo que para captar o interesse e a curiosidade das pessoas tudo isto será dado numa forma habilidosa e talvez muitas vezes escondida em temas pretensamente culturais e progressistas que podem por vezes enganar muita gente.

Os objectivos da segunda fase da Campanha são claros e o povo português não será influenciado pela cultura que o fascismo vai tentar ministrar-lhe. Que em toda a parte se faça ouvir bem alto a repulsa por uma tal « educação » e se exija a divulgação e o florescimento da verdadeira Cultura, que é aquela que se baseia nos princípios democráticos, no progresso, nas tradições nacionais e na defesa dos sagrados interesses da causa do povo!

APRENDENDO COM AS LIÇÕES DO PASSADO, ALARGUEMOS E REFORCEMOS A LUTA DOS CEIFEIROS

por MENDES

A ceifa aproxima-se. Devemos, por isso, recolhendo do passado a sua grande experiência, analisar pelo menos alguns dos aspectos fundamentais da luta dos ceifeiros.

A CONQUISTA DE MELHORES JORNAS

A reivindicação fundamental dos ceifeiros é a melhoria da jorna. Como a ceifa é o trabalho que em muitas regiões aluga mais braços e não consente demoras, os ceifeiros procuram sempre, durante este período, conquistar uma jorna que lhes permita pagar as dividas que meses e meses de desemprego (ou jornadas miseráveis) lhes criaram. Esta bem modesta aspiração, mesmo atingida, não tira o ceifeiro da situação de miséria e de sub-alimentação crónica.

No ano passado, alguns camaradas consideraram que a luta dos ceifeiros se devia ligar fundamentalmente ao problema do horário de trabalho. Tal ideia provou-se errada, pois as massas, se se uniram e lutaram com firmeza, foi à volta do problema do aumento da jorna.

Qual deve ser, porém, a palavra de ordem concreta em relação ao aumento da jorna?

O nosso Partido tem apoiado e orientado a luta pela jorna de 5\$800 a seco para os homens e 2\$800 a seco para as mulheres. Devemos continuar a defender a mesma jorna? O que nos mostra a experiência a este respeito?

Em primeiro lugar, verifica-se que a palavra de ordem justa para a luta na ceifa depende de muitos factores e não pode, nas actuais condições, ser a mesma para todo o lado ou ser aplicada da mesma maneira.

No ano passado, como em outros anos, houve regiões onde os 5\$800 foram alcançados, houve mesmo terras onde eles foram ultrapassados, chegando os homens a ganhar 6\$80. Esta jorna, porém, é sempre conquistada na semana de mais aperto e só com alguns petiões. Quer no começo da ceifa quer no seu fim, a jorna é, em geral, muito mais baixa.

Os factores principais que influenciam o valor da jorna a conquistar ligam-se à unidade e à organização dos ceifeiros, à sua disposição de luta, ao trabalho de unidade realizado com as mulheres e com todos os que podem apoiar a luta, ligam-se à experiência de luta em cada terra e ainda ao estado das searas e do tempo.

Em segundo lugar, verifica-se que, em muitos lados, a justa palavra de ordem fica aquém dos 5\$80, e lutas firmes se têm travado pelos 3\$800, pelos 3\$810, 4\$800, etc.. A palavra de ordem geral dos 5\$800 não é, pois, seguida, por absoluta falta de condições, e fica pairando no ar sem servir objectivamente os interesses o a luta dos ceifeiros.

A experiência tem mostrado, pois, que a palavra de ordem justa nas ceifas varia de terra para terra; por vezes varia na mesma terra, de semana para semana.

Essa palavra de ordem será a mesma numa dada região onde a unidade dos ceifeiros e a sua experiência sejam semelhantes e, principalmente, onde a organização dessa unidade abarque toda a região. Terá de ser diferente onde as condições também o forem, onde a organização da unidade dos ceifeiros ainda esteja limitada às terras ou até aos ranchos ou às herdades.

Por isso, se hoje preguntarmos se devemos colocar, para uma dada terra, a palavra de ordem dos 5\$80, ou quando a devemos colocar, a nossa resposta será simplesmente de que a palavra de ordem justa, sejam os 5\$800, sejam os 4\$800 ou os 6\$800, depende de factores que, em cada região, em cada terra, em cada local devem ser estudados em pormenor e com todo o cuidado. As organizações do Partido têm de fazer esse estudo, têm de ouvir muito bem o que pensa a massa dos ceifeiros, para poderem orientar e impulsionar a luta no sentido da conquista da jorna mais alta que as condições indicarem.

As experiências dos anos anteriores dão-nos, entretanto, também outras lições sobre os objectivos da luta.

Em primeiro lugar, é errado começar a ceifar pelo preço dos patrões, como em alguns lados ainda se faz, dizendo-se que, depois de se começar a trabalhar, é que se começa a luta. Na verdade, isso significa que não se uniram e organizaram as massas. Não se mobilizou a tempo e deixa-se que o inimigo ataque para depois mobilizarmos as nossas forças. Mal vai o exercício que assim procede.

Em segundo lugar é necessário colher a lição de algumas lutas travadas no ano passado que deram aos ceifeiros contratos de trabalho com as condições de

jorna, de horário e ainda de não trabalho das máquinas e pessoal de fora da terra enquanto houvesse desemprego.

Este exemplo mostra-nos que é possível, pela acção junto dos agrários, das Casas do Povo, delegados do INT e outras autoridades, conquistar as nossas reivindicações e forçar os agrários a respeitar um contrato aprovado livremente pelos ceifeiros.

Este é o caminho que devemos seguir, mas ele requer uma boa unidade e particularmente uma boa organização. O papel das Comissões de Unidade é aqui fundamental pois são os representantes dos ceifeiros, livremente escolhidos por eles, que têm de tratar com os agrários e as autoridades sobre o teor do contrato e ao mesmo tempo que têm de velar, sempre com o apoio de todos os ceifeiros, pelo inteiro cumprimento do contrato por parte dos agrários.

A falta de uma unidade firme e bem organizada dos ceifeiros permitiu que, no ano passado, a jorna contratada para a ceifa em alguns lados fosse só de 35\$00 e que os agrários rompessem o que tinham assinado, passando a utilizar as máquinas.

Devemos desde já organizar a nossa luta para arrancarmos aos agrários e às autoridades jornas mais altas para toda a ceifa e obrigá-los a cumprir com o que for contratado.

Temos vindo a falar, repetidas vezes, da importância da unidade e da organização dos ceifeiros. Vejamos alguma coisa sobre estes dois problemas.

SOBRE A UNIDADE

É a unidade que dá a força aos trabalhadores. Por isso os ceifeiros e, em primeiro lugar, os comunistas, devem pôr a si, como primeira tarefa, a de unir e esclarecer os seus companheiros de trabalho.

É evidente que em alguns lados, onde a experiência dos ceifeiros é mais baixa, este trabalho de unir e esclarecer é mais fácil, mas em todos os lados ele é possível e deve fazer-se. As dificuldades que temos para isso resultam sempre da nossa própria acção.

Muitas vezes, somos nós próprios que não nos aproximamos dos outros e dizemos, sem razão, que «eles não estão dispostos». Outras vezes, aproximamos-nos, sim, mas de tal modo vencidos ou de forma tão pouco justa que dessa aproximação nada resulta e concluímos que os «outros não prestam» quando nós é que não sabemos actuar.

Por vezes também — não podemos pôr isso de lado — encontramos incompreensões naqueles com quem queremos falar. Mas isso não nos deve fazer desanimar, pois qual é o nosso papel se não o de esclarecer com a palavra e a acção?

De tudo isso se conclui que a aproximação e o esclarecimento dos trabalhadores se deve fazer com cuidado, com paciência e com persistência.

A experiência mostra que nuns lados é junto das moradas que os ceifeiros mais conversam, em outros lados é nas tabernas, em certas terras os ceifeiros já sabem utilizar as Casas do Povo para aí se combinarem, etc..

É aí, entre os ceifeiros, que os comunistas devem actuar para pôr em evidência a importância da unidade e combinarem as jornas e outras condições de trabalho que devem pedir.

Mas a unidade dos ceifeiros fortalece-se, e alarga-se além das primeiras conversas, se fizerem pequenas e grandes reuniões onde todos discutam e assentem as reivindicações comuns.

A unidade dos ceifeiros fortalece-se e alarga-se se todos se juntarem nas Praças de Jorna e destas fizerem as suas fortalezas onde, todos unidos e bem organizados, conquistem as reivindicações comuns. Onde, no passado, os ceifeiros se reuniram para combinar a jorna a pedir e se juntaram nas Praças de Jorna para

aí defenderem firmemente a jorna combinada, a luta foi sempre viciosa.

SOBRE AS COMISSÕES DE UNIDADE

Nas reuniões ou nas Praças de Jorna é necessário que os ceifeiros escolham alguns dos seus companheiros para orientarem e dirigem as diversas fases da acção que vão empreender em comum para conquistar melhores jornas.

Esses grupos de ceifeiros, a que costumamos chamar Comissões de Unidade, não deixam de ouvir os seus companheiros, de saber o que eles pensam e o que desejam, mas competem-lhes um papel muito importante que é o de manter a unidade entre todos, preparar novas reuniões, em nome e com o apoio de todos falar aos agrários, aos dirigentes das Casas do Povo ou às autoridades e, sempre em estreito contacto com todos os ceifeiros, decidir o que se deve fazer.

Onde têm sido eleitas Comissões de Unidade e elas sabem cumprir o seu dever, melhores jornas são alcançadas. Porquê? Porque se a unidade, que é o que dá a força aos ceifeiros não está organizada, ela pode desfazer-se e perder-se perante qualquer embate ou dificuldade. Porque a organização é a principal arma dos trabalhadores em luta.

Porquê, em muitos lados, não se organizou no ano passado a unidade dos ceifeiros? Isto é, por que não se escolheram alguns para orientar e dirigir a luta?

Em primeiro lugar, porque ainda se não compreendeu a importância dessa organização.

Toda a gente compreende que é necessário um grupo de pessoas para orientar e dirigir uma qualquer colectividade. Toda a gente compreende que, criando uma Comissão de Paz numa terra, a luta em defesa da Paz fortalece-se, porque se organiza. Pois o mesmo sucede com a luta por melhores jornas, por melhores condições de trabalho, contra o desemprego, enfim, pela defesa das reivindicações económicas dos trabalhadores.

A não existência das Comissões de Unidade enfraquece esta luta. Se nós queremos que ela seja forte, é, portanto, necessário organizá-la, criarmos Comissões de trabalhadores que tenham por objectivo a orientação e direcção da luta pelos interesses económicos.

Em segundo lugar, porque não se abrem as Comissões de Unidade para uma ampla acção legal. Para que uma Comissão de Unidade possa actuar legal e abertamente é preciso, antes de tudo, que seja escolhida pelos trabalhadores, que se sinta por isso ligada aos trabalhadores e defendida por eles. A desligação das massas trabalhadoras representa sempre um perigo para as Comissões de Unidade.

Para que uma Comissão de Unidade possa actuar legal e abertamente é preciso, depois, que nos assuntos que trate, nos passos que dê, nas formas de acção, nunca saia dos seus objectivos de defesa dos interesses económicos dos trabalhadores nem da acção legal.

De tudo isso se conclui que, tendo através de conversas e reuniões estabelecido a unidade dos ceifeiros, é preciso depois organizá-la e, para isso, devemos eleger, nas reuniões, Comissões com os nossos companheiros mais sérios e combativos.

E a organização dos ceifeiros fortalece-se e alarga-se se as Comissões de Unidade formadas nas praças de jorna, nas herdades ou nas terras, tomam contacto entre si, colhem a experiência umas das outras, se unem e organizam à escala regional.

Em conclusão, queremos mais uma vez salientarmos que a conquista de melhores jornas e melhores condições de trabalho nas ceifas depende, principalmente, da unidade e da organização dos ceifeiros.

Trabalhem para essa unidade e saibamos organizar bem os ceifeiros, e a nossa frente está o caminho da vitória da nossa luta.

52 52 25 25 52 52 52 52 25 25 52 52 52 52 25 25 52 52 52 52 25 25 52 52 25 25 52 52 25 25 52 52

PARA MELHORAR O TRABALHO DO PARTIDO NAS FORÇAS ARMADAS

É necessário que todas as organizações do Partido saibam quais os militantes e simpatizantes que vão em Março fazer serviço militar, lembrando-lhes que também na tropa é preciso continuarem a desenvolver actividade. Por outro lado, é necessário esbolar com cada um destes camaradas e simpatizantes a forma de os ligar ao Partido. Interesse também conhecer os outros jovens progressistas que vão para a tropa para que, onde houver organização do Partido, eles possam ser ajudados na sua nova vida.

REFORCEMOS A CONFIANÇA NAS MASSAS PARA QUE AS MASSAS CONFIEM EM NÓS

A classe operária do nosso país, os trabalhadores da cidade e do campo e o povo em geral, têm travado vitoriosamente nestes últimos anos milhares de pequenas e grandes lutas em defesa do pão, das liberdades democráticas, da Paz e da Independência Nacional. Quaisquer que tenham sido as deficiências verificadas em cada uma delas, tais lutas traduziram-se noutras tantas vitórias da classe operária e do povo. Desde as mais pequenas lutas pela melhoria das condições de vida e de trabalho dentro das empresas, passando pelas grandes greves e marchas da fome, nas grandiosas lutas pelo pão e pelos géneros de 1942-43, 1944 e 1946-47 até às grandes jornadas de luta pelas liberdades democráticas que o nosso Partido orientou ou dinamizou, em todas estas pequenas e grandes lutas a classe operária e o povo viram sair reforçada a sua unidade combativa e enriquecida a sua experiência revolucionária.

No que respeita, particularmente, às lutas da classe operária já travadas, ainda que algumas não tivessem trazido resultados imediatos de carácter económico, obrigaram, por um lado, o patronato e o governo a recuar nas suas formas de exploração e, por outro lado, trouxeram todas elas uma rica contribuição ao fortalecimento da consciência de classe dos trabalhadores, criando condições para maiores êxitos em lutas futuras.

No aspecto da repressão fascista, por mais pesado que tenha sido o tributo pago pelas vitórias alcançadas, nunca tal repressão impediu as massas de se lançarem de novo na luta sempre que surgiram novas condições objectivas e sempre que encontraram no nosso Partido o guia firme e consequente para as orientar. Mas nem todos os membros do nosso Partido têm assim compreendido o resultado das lutas travadas.

Camaradas há que, por falta de confiança nas massas, no seu heroísmo e espírito de sacrifício, por substituição do prestígio e influência do Partido, confundem as suas próprias concepções e pensamentos com a justa compreensão das massas quanto ao resultado das lutas travadas. Erradamente ainda, exageram a influência negativa da repressão fascista na disposição das massas para travarem novas lutas.

Camaradas que assim pensam, sobretudo quando responsáveis por importantes sectores de massas, têm de ser rapidamente ajudados a rectificar a sua incompreensão, ou não têm condições para continuarem com tão importantes tarefas. Tais camaradas, a continuarem como responsáveis do Partido nesses sectores e nessas organizações, tornam-se um perigo sério para a manutenção do prestígio e autoridade do Partido junto das massas. Mais, essas organizações correm o risco de serem ultrapassadas pelas próprias massas e, perdendo a qualidade de dirigentes, seguirem a reboque da espontaneidade das massas. Um exemplo basta para ilustrar esta afirmação: Num sector operário importante, um camarada responsável da organização local informava numa reunião que as massas do seu sector não se dispunham à luta porque pesava ainda sobre elas, segundo o nosso camarada, a influência deprimente da repressão e dos fracos resultados dum movimento grevista verificado aí, alguns anos atrás. Na mesma reunião apareceu a informação de que numa empresa importante desse sector, controlada pelo nosso camarada, os trabalhadores tinham formado espontaneamente três comissões reivindicativas (uma de homens e duas de mulheres) para pedirem aumento de salários, passando-se tudo isto à margem da organização partidária dessa empresa. Que nos revela este

facto?

Este facto revela-nos que essa organização, assim como o seu controlador, viviam isolados e divorciados das massas, atribuindo a estas um estado de espírito de que apenas eles estavam possuídos. Este facto revela-nos que os trabalhadores de vanguarda dessa empresa não eram os nossos camaradas, mas sim os outros trabalhadores.

Este facto revela-nos ainda que quando se mantém à frente das organizações camaradas sectários, falhos de perspectivas, e com falta de confiança nas massas, camaradas que receiam as lutas porque receiam, acima de tudo, que a repressão os possa atingir, tais elementos tornam-se um obstáculo ao progresso das nossas organizações e impedem o desenvolvimento das lutas de massas. Isto explica por que sectores importantes da classe operária, com profundas tradições de luta, vivam, aparentemente, neste momento, num estado de apatia, a despeito das condições objectivas que se verificam para levar as massas à luta.

Aqueles camaradas que espalham derrotismo quanto à disposição de luta das massas e que negam o resultado positivo das greves, quando os factos desmentem essa falsa teoria, servem, sem disso se aperceberem, os inimigos dos trabalhadores e não a classe operária e o povo.

O nosso Partido, como Partido da classe operária, como força de vanguarda na luta pela Paz, pela Democracia, pela Independência Nacional, contra a «campanha da produtividade» e o desemprego, por mais salários e contra a vida cara, terá de dar novas e maiores provas da sua capacidade dirigente. Para cumprir com honra esta tarefa, todos os comunistas têm de manter e reforçar a confiança nas massas, no seu heroísmo e espírito de sacrifício. Cada comunista deve sentir sobre si as responsabilidades que pesam sobre o nosso Partido nesta hora tão decisiva para a vida e sobrevivência do nosso povo.

Como foi salientado na VI.^a Reunião Ampliada do Comité Central, a intensificação da política de guerra fascista e a consequente agudização da luta de classes geram cada vez mais condições objectivas para novas lutas de massas, como o demonstram as lutas massivas que se têm travado ultimamente em todo o país orientadas pelo nosso Partido.

Esta situação exige que, por toda a parte, o nosso Partido se coloque audaciosamente na vanguarda das massas, dando-lhes em cada caso a orientação mais apropriada para conduzir vitoriosamente as suas lutas.

Nas empresas, as organizações do nosso Partido devem orientar os trabalhadores na elaboração dos seus cadernos reivindicativos onde sejam expressas as reivindicações mais sentidas das massas.

Na base da luta pela satisfação dessas reivindicações, o nosso Partido deve levar os trabalhadores a elegerem ou indicarem as suas Comissões de Unidade onde participem os homens e mulheres mais honrados e combativos de cada empresa, para, junto do patronato e do Sindicato, lutarem intransigentemente pelas reivindicações apresentadas.

É às organizações do nosso Partido que cabe ainda velar para que as Comissões de Unidade não fiquem nunca o apoio e o estímulo das massas, as quais devem ser mobilizadas para lhes prestar esse apoio, quer por concentrações na empresa ou no Sindicato, quer fazendo pequenas paralisações de trabalho ou ainda pelas formas superiores que a evolução da luta for exigindo.

Que o nosso partido seja por toda a parte, como lhe compete, o Estado Maior do proletariado e o porte-bandeira do povo português na luta pela Paz, pela Democracia, pela Independência Nacional e por uma vida melhor.